



AS CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA NA GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA: UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA SOBRE A ECONOMIA CRIATIVA E POPULAR EM ARARAQUARA/SP¹

Renan Augusto Ramos²
Universidade Estadual de Campinas

Resumo

Como citar:

RAMOS, R. A. As consequências da pandemia na geração de trabalho e renda: uma análise exploratória sobre a economia criativa e popular em Araraquara/SP. *Revista Geografia em Atos* (Online), v. 6, n. 2, Ano 2022. p. 225-248.

DOI:

<https://doi.org/10.35416/geoatos.2022.9088>

Recebido em: 2021-12-20

Devolvido para correções: 2022-08-14

Aceito em: 2022-09-13

Publicado em: 2022-09-22

As transformações ocasionadas pela pandemia do Covid-19 são sensíveis em todas as dimensões da sociabilidade humana. Nesse sentido, buscou-se caracterizar os impactos da pandemia nas práticas da economia criativa e popular do município de Araraquara/SP. A suspensão das edições das feiras criativas no espaço público estreitou os canais de trocas dessas atividades. A partir disso, vulnerabilidades anteriores são impulsionadas em função da atual crise sanitária. O objetivo, então, foi realizar uma pesquisa qualitativa sobre os desdobramentos da pandemia na economia criativa e popular de Araraquara/SP. Foram entrevistadas duas atividades recorrentes nas feiras criativas, Amor Retrô e Flores.seremos, a fim de interpretar a nova realidade vivenciada pelas idealizadoras. Ao final da pesquisa, foi possível reconhecer que a suspensão das feiras criativas trouxe impactos não somente de natureza financeira para as responsáveis, mas também nos aspectos da própria sociabilidade que era desenvolvida no espaço público.

Palavras-chave: Mercado de trabalho; Economia criativa e popular; Geração de renda; Pandemia; Araraquara/SP

¹ Este artigo foi originalmente publicado nos Anais da XXI Semana de Geografia da FCT/UNESP: Outras Geografias e (a)diversidades: experiências e potencialidades ocorrida em 2021, sendo inserido aqui com avanços nos debates e discussões.

²Bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara. Atualmente, faz Mestrado em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas. Possui Bolsa de Treinamento Técnico III da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo em função do projeto “A análise da economia popular na costa da Ilha do Maranhão: o Direito ao Mar como efetivação do uso democrático do território”, processo nº 2022/02598-0.

E-mail: r203548@dac.unicamp.br

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7305-1971>

LAS CONSECUENCIAS DE LA PANDEMIA EN LA GENERACIÓN DE TRABAJO E INGRESOS: UN ANÁLISIS EXPLORATORIO DE LA ECONOMÍA CREATIVA Y POPULAR EN ARARAQUARA/SP

Resumen

Las transformaciones provocadas por la pandemia Covid-19 son sensibles en todas las dimensiones de la sociabilidad humana. En este sentido, buscamos caracterizar los impactos de la pandemia en las actividades creativas y populares del municipio de Araraquara/SP. La suspensión de ediciones de ferias creativas en el espacio público estrechó los canales de intercambio de estas actividades. A partir de esto, las vulnerabilidades previas son impulsadas por la actual crisis de salud. El objetivo, entonces, era realizar una investigación cualitativa sobre las consecuencias de la pandemia en la economía creativa y popular de Araraquara/SP. Entrevistamos a dos actividades recurrentes en ferias creativas, Amor Retrô y Flores.seremos, para interpretar la nueva realidad vivida por sus creadores. Al final de la investigación, se pudo reconocer que la suspensión de ferias creativas tuvo impactos no solo de carácter financiero, sino también en los aspectos de sociabilidad en sí, que se desarrollaron en el espacio público.

Palabras clave: Mercado laboral; Economía creativa y popular; Generación de ingreso; Pandemia; Araraquara/SP

THE PANDEMIC CONSEQUENCES ON THE GENERATION OF WORK AND INCOME: AN EXPLORATORY ANALYSIS OF THE CREATIVE AND POPULAR ECONOMY IN ARARAQUARA/SP

Abstract

The changes brought about by the Covid-19 pandemic are sensitive in all dimensions of human sociability. In this sense, we sought to characterize the impacts of the pandemic on creative and popular economy practices in the municipality of Araraquara/SP. The street market's suspension of editions in the public space narrowed the selling channels for these activities. From this, previous vulnerabilities are driven by the current health crisis. The objective, then, was to carry out a qualitative research about the consequences of the pandemic in the creative and popular economy of Araraquara/SP. We interviewed two recurrent activities in the street markets, Amor Retrô and Flores.seremos, in order to interpret the new reality experienced by the responsible subjects. At the end of the research, it was possible to recognize that the street market's suspension had impacts not only of a financial nature, but also on the aspects of sociability itself, which were developed in the public space.

Keywords: Labor market; Creative and popular economy; Income generation; Pandemic; Araraquara/SP

Introdução

A análise do mercado de trabalho no Brasil precisa levar em consideração o seu processo histórico de formação. O conjunto de atividades econômicas no espaço brasileiro apresenta uma complexa heterogeneidade, com distintos níveis de organização e de tecnologias que não são possíveis deixar de se reconhecer (SILVEIRA, 2015). Coloca-se cada vez mais ênfase nas práticas econômicas que surgem mediante a incapacidade na geração de emprego assalariado e insatisfação com este, devido ao avanço na precarização do trabalho. Desse modo, iniciativas que buscam superar essas problemáticas são constatadas no espaço urbano em função do trabalho autônomo, por conta própria, bem como em função da mobilização de recursos pessoais dos indivíduos (COSTA, 2016).

A economia criativa e popular desenvolvida no município de Araraquara/SP representa essa nova possibilidade de organização econômica no espaço urbano, de acordo com as demandas concretas por provisão social dos sujeitos (RAMOS, 2020). Os indivíduos transformam um conhecimento pessoal em estratégia econômica de geração de renda, destacando a inventividade como auxiliadora na busca pela inserção nos circuitos produtivos da cidade. Em trabalho anterior (RAMOS, 2020), foi possível reconhecer esse segmento enquanto forma de renovação do próprio circuito inferior da economia. A ausência de rendas permanentes faz os sujeitos construir caminhos alternativos de provisão, utilizando-se do trabalho intensivo como principal ferramenta de efetivação das práticas econômicas (SANTOS, 2018).

Vulnerabilidades estruturais são constatadas nessas atividades não somente na dimensão financeira, mas também em relação aos canais reduzidos de trocas para seus agentes. As edições da “Rolêfeira” funcionavam enquanto um importante canal de visibilidade para os sujeitos vinculados ao segmento da economia criativa e popular, pois eram organizadas para proporcionar um local favorável a essas práticas econômicas (RAMOS, 2020). No entanto, a pandemia do novo coronavírus alterou profundamente as relações socioespaciais em todo o território nacional. O município de Araraquara/SP promoveu uma série de estratégias para conter os índices de transmissão do patógeno, impactando diretamente na suspensão do cronograma da “Rolêfeira”. Por todo o ano de 2020 e 2021, suas feiras criativas foram suspensas, reforçando ainda mais as dificuldades estruturais dessas atividades no tocante à distribuição de

suas mercadorias. A não ocorrência desses eventos limitou, portanto, um dos principais espaços de vendas e interações socioespaciais dos responsáveis por essas práticas econômicas.

A proposta de uma análise qualitativa sobre os desdobramentos da crise sanitária no segmento da economia criativa e popular leva em conta a própria reflexão das problemáticas presenciadas na economia popular como um todo. O interesse voltou-se à interpretação das principais decorrências da pandemia em duas atividades do setor: Amor Retrô e Flores.seremos. A escolha se deu em razão de serem práticas econômicas que, frequentemente, utilizavam os espaços das feiras como ambiente amplo de trocas, ressaltando a centralidade desses locais para o andamento dos negócios. Foi elaborado um roteiro semiestruturado de questões que serviram como base para o processo de compreensão da nova conjuntura vivenciada por essas agentes da economia criativa e popular. A partir disso, esse artigo refletiu, em caráter exploratório, não somente sobre os impactos financeiros no interior dessas atividades, mas também sobre os impactos sentidos em outras esferas das relações sociais, tais como a esfera cultural, simbólica e dos encontros promovidos no espaço público.

Orientações iniciais para o debate da economia popular

É inegável que o mercado de trabalho no Brasil apresenta uma dimensão histórica que não pode ser perdida de vista. A urbanização que foi vivenciada de modo intensivo a partir de meados do século XX ampliou exponencialmente as demandas sociais por formas de ocupação no espaço urbano. Os setores mais dinâmicos da economia, com grandes coeficientes de capital, não foram capazes de gerar um volume condizente de empregos em função dessa nova realidade encontrada (MONTENEGRO, 2012). A partir disso, encontra-se uma de tantas outras complexidades do mercado de trabalho no país: a incapacidade crônica de gerar empregos de acordo com as demandas concretas.

Quando falamos de setores intensivos em capital, estão sendo feitas as referências à indústria moderna. O baixo nível de mão de obra necessária ao funcionamento das unidades produtivas está relacionado ao progresso tecnológico que liberou a produção daquela alta demanda por força de trabalho. Desse modo, houve o deslocamento para as atividades representadas pelo segmento de comércio e de serviços, tecnicamente chamados de setor

terciário. Nas cidades brasileiras, assim como nos demais países de capitalismo periférico, ocorre um inchaço desse setor, concentrando números expressivos de sujeitos sociais. Um verdadeiro refúgio aos trabalhadores que necessitam de ocupação econômica (SANTOS, 2018). Ainda, é necessário ressaltar que este não foi capaz de gerar relações suficientes de trabalho mediadas por carteira assinada.

Esse cenário produz uma crise do emprego (MONTENEGRO, 2012). Os conteúdos socioespaciais dos territórios apontam para duas implicações diretas desse fenômeno. A primeira relacionada à insuficiência na geração de emprego formalizado e registrado. Já a segunda, à ampliação de atividades autônomas de pequena escala e com menor expressividade de dinheiro movimentado. A ênfase da nossa reflexão está assentada nesse segundo pilar, ou seja, no conjunto de práticas econômicas que surgem como resposta às demandas por geração de trabalho e renda nas cidades contemporâneas.

Dessa discussão inicial sobre a formação de um mercado de trabalho no país é importante ressaltar dois aspectos observados na realidade. Primeiro, o conjunto de referenciais teóricos e conceituais precisa reconhecer toda essa complexidade expressa empiricamente nas relações de produção. O segundo ponto importante de ser evidenciado se coloca a partir da configuração de outras racionalidades e formas de organização econômica dos sujeitos e grupos sociais. A seguir, serão trazidas as principais considerações desses elementos abordados.

Uma abordagem analítica condizente com a dimensão histórica

O olhar padronizado para a economia é incapaz de observar toda a riqueza e diversidade de práticas econômicas que são encontradas nas cidades dos países periféricos. Hoje, esse fenômeno também se estende aos países centrais, mas iremos restringir o debate ao mundo do capitalismo dependente. Essa inquietação sobre o anacronismo e inaplicabilidade de teorias eurocêntricas e estadunidenses da economia fez com que surgisse, nos anos finais de 1970, o paradigma teórico dos circuitos da economia urbana. Santos (2018) buscou sistematizar uma reflexão sobre a urbanização no Terceiro Mundo, ao colocar no centro do debate as implicações da modernização no território desses países. Em síntese, para superar aquelas complexidades destacadas acima, o geógrafo brasileiro formula sua teoria que demonstra não somente a esfera

da produção, distribuição e consumo, mas que também demonstra a situação geral do trabalho nas cidades.

O fenômeno observado para a construção desse artigo coloca como principal referencial o circuito inferior da economia urbana. A segunda consideração a ser feita articula-se intrinsecamente aos pressupostos existentes nesse subsistema da economia urbana. O circuito inferior diz respeito ao conjunto de atividades que se localizam na fronteira produtiva, o que faz reconhecer, nessas práticas econômicas, suas interlocuções, bem como a própria fluidez entre os setores secundário e terciário (RAMOS, 2020). Sua principal característica é ser produto direto da adaptação do sistema econômico em função da modernização, possibilitando a absorção dos grupos sociais subalternos tanto no universo da produção, distribuição e consumo quanto no universo do trabalho (SANTOS, 2018). Nesse sentido, é visto como o resultado e condição de uma diversidade de situações sociais que produzem distintas feições de atividades econômicas nas cidades.

O circuito inferior da economia é fundamental para compreender as práticas econômicas que surgem como alternativas para a geração de trabalho e renda na atualidade (RAMOS, 2020; 2021). Desse modo, aponta para a singularidade da urbanização na periferia do capitalismo, ao mesmo tempo em que abre espaço para análises sobre o funcionamento das cidades (CATAIA e SILVA, 2013). O interessante é destacar como a economia popular está presente na reflexão e, em certa medida, abarca o setor inferior em seu funcionamento. A racionalidade da economia popular está baseada na busca pelos meios de (re)produção social e material dos grupos vinculados a essas atividades econômicas. Sendo assim, coloca evidência no conjunto de práticas que são organizadas em função dos próprios recursos dos sujeitos (COSTA, 2016). Esses recursos dizem respeito aos instrumentos, ferramentas, capitais próprios e, sobretudo, força de trabalho dos idealizadores. É por essa razão que, no geral, são iniciativas econômicas com escala e abrangência reduzidas.

A construção teórica da economia criativa e popular

O recorte trazido por esse debate percorre a realidade observada no município de Araraquara/SP. Em pesquisa anterior (RAMOS, 2020), foi trabalhada a concepção da economia

criativa enquanto representante de uma feição renovada do circuito inferior da economia urbana. O avanço dessa perspectiva trouxe a ideia desta como uma vertente da economia popular (RAMOS, 2021). Nesse momento, gostaríamos de trazer ênfase para a denominação “economia criativa e popular”. Esse conceito surge para representar o universo de práticas econômicas de pequena escala que utilizam a inventividade dos agentes como principal elemento capaz de gerar renda e trabalho. Em síntese, a economia criativa e popular está relacionada às atividades nas quais os sujeitos transformam um conhecimento pessoal em possibilidade de renda.

A análise e interpretação desse segmento econômico é capaz de articular os elementos teóricos existentes nos debates sobre as transformações contemporâneas em curso no mundo do trabalho. A partir disso, observa-se a importância das práticas econômicas organizadas diretamente com os recursos de seus agentes em função da inventividade. A criatividade surge como alternativa para a capitalização de um determinado conhecimento, transformando-o em uma atividade econômica. O trabalho mobilizado com menores recursos de capitais ganha expressividade no contexto atual das cidades contemporâneas (COSTA, 2016). Sendo assim, a ênfase nesse segmento aparece como um modo de analisar e interpretar toda a heterogeneidade de práticas econômicas encontradas no espaço urbano. Distintas formas de organização dos agentes nesse setor expressam, de modo comum, a busca pelo sustento material dos grupos diretamente relacionados a essas atividades (RAMOS, 2021).

A economia criativa e popular, presente no município de Araraquara/SP, remete ao universo de práticas econômicas no qual a principal racionalidade está orientada para os pressupostos da reprodução social dos grupos responsáveis. Não é possível observá-la em função de uma perspectiva empresarial das lógicas econômicas dominantes, pois a racionalidade presente volta-se para as respostas necessárias às pressões do cotidiano da provisão material (RAMOS, 2020). Nesse sentido, seria semelhante àquilo que Hespanha (2009) apresentou como a lógica operante no interior da economia popular, ou seja, o “princípio de maximização do bem estar e de reprodução econômica do grupo” (HESPANHA, 2009, p. 58). O objetivo dos agentes responsáveis é a inserção na vida econômica, e também social, da cidade por meio dessas estratégias. Em função desse conjunto de considerações teóricas iniciais, conseguiremos caracterizar de modo mais abrangente o setor da economia criativa e popular, as principais

implicações da crise sanitária atual e as estratégias de superação do período.

As feiras criativas no espaço público de Araraquara/SP

O fenômeno da economia criativa e popular do município de Araraquara/SP apresenta espaços que são voltados às trocas em suas distintas esferas. São trocas não somente de caráter econômico, mas também de natureza simbólica, cultural e imaterial, articulando uma extensa sociabilidade capaz de fomentar a existência empírica desses locais. Um exemplo concreto diz respeito à “Rolêfeira”, cujo objetivo principal é promover a economia criativa, colaborativa e sustentável do município ao construir um canal ativo de visibilidade entre os expositores e potenciais consumidores (RAMOS, 2020). Desde 2017, são organizadas as edições dos eventos pelo coletivo “Rolê”, utilizando o espaço público enquanto substrato físico de uso e ocupação por parte dos segmentos sociais interessados nesse setor da economia.

Figura 1. Visão geral da 16ª edição da feira criativa organizada pelo coletivo “Rolê”



Fonte: Acervo pessoal do autor (2019).

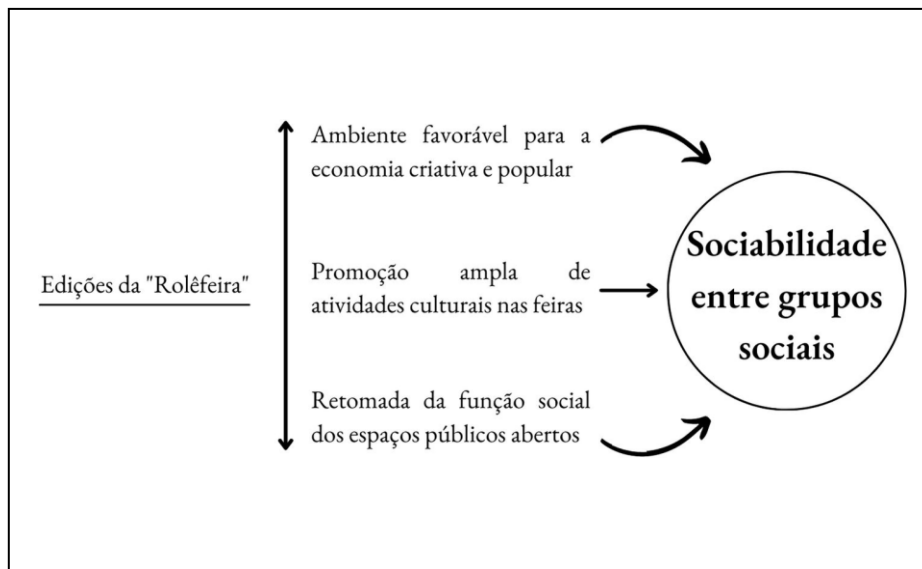
A dinâmica desenvolvida no espaço público da popularmente conhecida como “Praça do Favelal” pressupõe o uso e ocupação por distintos grupos sociais, interagindo em função de suas intencionalidades pessoais (RAMOS, 2020). As práticas socioespaciais desenvolvidas nesse

local estão relacionadas, sobretudo, com a possibilidade de estimular um cotidiano de circulação, de consumo e de lazer por meio das iniciativas culturais. Sobarzo (2006) destacou como os diferentes estratos sociais compartilham o espaço público, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma sociabilidade. Nesse sentido, as edições da “Rolêfeira” demonstram esse exemplo de distintas intencionalidades, vontades e aspirações, que encontram no espaço público de uso compartilhado uma possibilidade de materialização.

Outro aspecto fundamental de ser ressaltado diz respeito ao fortalecimento e retomada do espaço público enquanto ambiente de encontros e trocas por meio das interações sociais. A contemporaneidade lançou luz sobre os empreendimentos privados de lazer, colocando a centralidade dos ambientes coletivos de uso controlado ou restrito. As contribuições de Carlos (2014) sobre essa temática são essenciais para compreender o esvaziamento dos espaços públicos em função da relevância atingida pelos espaços privados. Argumentos como a violência e periculosidade dos locais abertos de uso irrestrito, como as praças, fortalecem ainda mais esse imaginário coletivo sobre a falta de segurança representada por estes. No entanto, iniciativas como as feiras criativas no município de Araraquara/SP levam a destacar a retomada desses lugares como produtores de uma experiência coletiva no espaço urbano.

A “Rolêfeira”, em linhas gerais, articula três principais aspectos no espaço urbano do município. São eles: 1) A construção de um ambiente favorável para os expositores do segmento da economia criativa e popular; 2) A promoção de atividades culturais de lazer ao longo das edições; e 3) A retomada do espaço público enquanto local de sociabilidade entre grupos sociais. Cada uma dessas relações desenvolvidas pela feira criativa estimula a interação de uma rede de sujeitos que vão desde os frequentadores, expositores e artistas, até coletivos da sociedade civil, administração municipal e seus quadros técnicos. Essa questão é fundamental para a análise e interpretação do fenômeno, pois a existência das feiras de economia criativa e popular deve ser vista como o produto de uma intensa articulação entre sujeitos, grupos sociais e esfera pública.

Figura 2. Representação dos pilares existentes nas feiras organizadas pelo coletivo “Rolê”



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Porém, a pandemia do Covid-19 causou uma ruptura na continuidade das feiras organizadas pelo coletivo “Rolê”. O coletivo responsável pelas edições dos eventos suspendeu as feiras a partir dos decretos municipais que restringiram o acesso aos espaços públicos coletivos. Não serão retomados aqui cada um dos principais elementos trazidos pelo governo local para o combate da pandemia no município de Araraquara/SP. O objetivo é apenas destacar como o andamento das feiras criativas também ficou impossibilitado em função dessas diretrizes estabelecidas. A partir disso, é necessário reconhecer como o contexto da crise sanitária suspendeu as edições da “Rolêfeira” por todo o ano de 2020 e 2021.

Apontamentos iniciais sobre a suspensão do cronograma da “Rolêfeira”

A descontinuidade na agenda de programação dos eventos trouxe uma série de problemáticas expressivas para o segmento da economia criativa e popular do município. A que talvez seja mais evidente está relacionada com a perda do principal canal de visibilidade e de trocas das práticas econômicas vinculadas a este setor da economia. Essa realidade torna-se ainda mais alarmante a partir do momento em que pesquisas anteriores (RAMOS, 2020; 2021)

apontaram a centralidade dessas feiras para os sujeitos responsáveis por essas atividades criativas. Desse modo, enfrentam as dificuldades decorrentes das ações de distanciamento e isolamento social, tais como os lockdown implementados na cidade, as barreiras sanitárias nos locais de alta circulação e suspensões do uso e ocupação das praças, parques e locais públicos.

A manifestação socioespacial das práticas econômicas de pequena escala perde seus ambientes de vazão das mercadorias devido à necessidade de estar em amplo contato com o consumidor final. Os empreendimentos da economia criativa e popular, por suas características estruturais, estão inseridos em um complexo processo de vulnerabilidade socioeconômica (RAMOS, 2021). Essas atividades são organizadas com os recursos dos próprios agentes, sendo o orçamento familiar diluído no empreendimento e vice-versa, intensificando a sujeição às oscilações conjunturais da realidade social. Seus rendimentos são orientados, sobretudo, às pressões cotidianas da reprodução social do grupo diretamente dependente dessa iniciativa da economia criativa e popular.

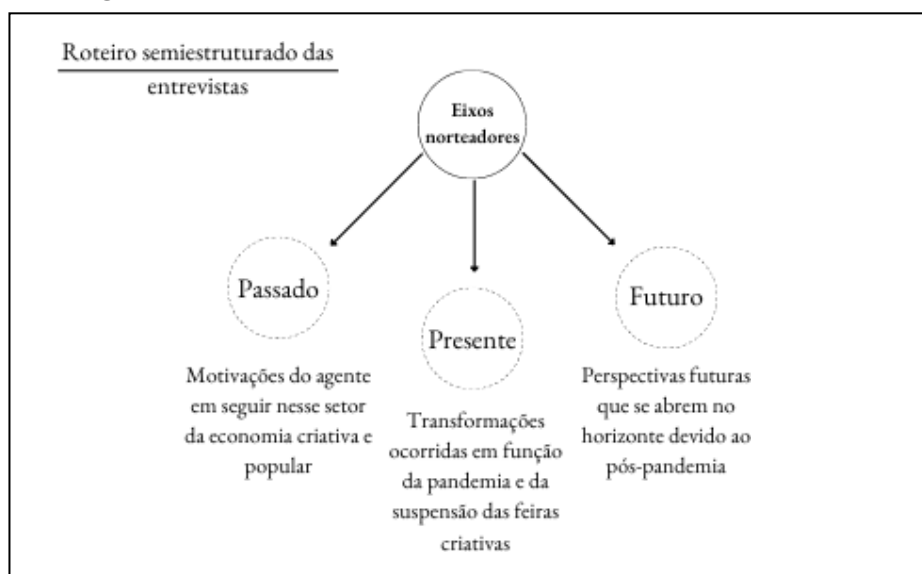
A partir disso, a pandemia do Covid-19 coloca em evidência uma série de vulnerabilidades e questões que não foram anteriormente resolvidas na economia popular. A escala econômica, a abrangência dessas práticas, as dificuldades de ampliação dos negócios, entre outras representam os elementos centrais dessa reflexão do contexto vivenciado pela economia criativa e popular ao longo da pandemia. O interesse é apontar de modo preliminar os principais desdobramentos dessa problemática para os sujeitos responsáveis pelas atividades presentes nas feiras de economia criativa do município de Araraquara/SP. Portanto, existe a necessidade de caracterizar as principais decorrências, bem como as novas iniciativas de organização dos agentes para superar os desdobramentos que se instalaram nesse segmento da economia araraquarense.

As implicações concretas vivenciadas por dois empreendimentos

O contexto da pandemia ampliou, como destacado, as dificuldades já vivenciadas por essas atividades de pequena escala ao estreitar ainda mais os canais de aproximação com os consumidores no espaço público. Para compreender de modo mais profundo essa questão, é importante apresentar as análises sobre as entrevistas concedidas por duas expositoras das feiras organizadas pelo coletivo “Rolê”. Os empreendimentos da economia criativa e popular

analisados foram o Amor Retrô e a Flores.seremos, sendo, respectivamente, pertencentes ao segmento de vestuário e cosmetologia natural. Como destacado anteriormente, escolhemos essas duas atividades por estarem tradicionalmente presentes não somente nas feiras do coletivo “Rolê”, mas também por participarem em outros eventos de natureza semelhante na cidade e região. O roteiro semiestruturado de perguntas, por sua vez, articulou três eixos temporais norteadores, cada um explorando determinado aspecto da realidade no interior dessa prática econômica. A destacar: 1) História da atividade; 2) Realidade atual e; 3) Possibilidades futuras.

Figura 3. Eixos norteadores do roteiro semiestruturado das entrevistas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A metodologia escolhida para apresentar os avanços na interpretação dessa temática de estudo foi a análise dos discursos desenvolvidos por essas agentes para cada uma das questões realizadas. Desse modo, foi possível demonstrar as principais perspectivas existentes de acordo com os eixos norteadores do debate. A primeira pergunta realizada na entrevista procurou compreender as principais motivações dessas agentes em seguir por esse setor da economia criativa e popular, cada qual em seu segmento de atuação. Ou seja, os elementos da trajetória surgidos em sua história de vida que funcionou como fator de interesse para atuar nessa atividade.

O empreendimento Amor Retrô faz parte do segmento de vestuário, e está há mais de 5 anos atuando como uma marca de consumo ressignificado e consciente de roupas, artigos e acessórios, sustentada nos pilares do *slowfashion*¹². A responsável pelo Amor Retrô ressaltou sua atuação em lojas convencionais do segmento de vestuário, e como essa experiência despertou o interesse por fazer diferente dentro desse universo. As empresas convencionais da moda atuam por meio do que é chamado *defastfashion*, que, em linhas gerais, diz respeito ao ciclo acelerado de construção de necessidades por tendências da moda. Essa racionalidade promove o intenso consumo por recursos naturais no processo produtivo, alimentando uma cultura do descarte em função da sazonalidade das peças. Sendo assim, a visão crítica sobre o assunto e o costume já presente na vida da responsável favoreceram essa inserção na economia criativa e popular de Araraquara/SP. A transformação de um elemento da vida cotidiana em possibilidade de gerar renda é evidenciado, pois o antigo costume de “garimpar” roupas em brechós e bazares fez com que ela idealizasse o seu empreendimento.

Figura 4. Visão do empreendimento Amor Retrô na 15ª edição da “Rolêfeira”



Fonte: Maiara Di Franco (2019).

¹² Em linhas gerais, o *slowfashion* está relacionado ao movimento de crítica sobre o funcionamento das grandes marcas da moda. Preconiza a reutilização e a ressignificação de peças antigas como forma de superar a lógica acelerada do descarte existente na indústria têxtil atual.

O empreendimento Flores.seremos também apresenta característica semelhante sobre como a história de vida da responsável forneceu os elementos para a sua inserção na economia criativa e popular do município. Sua experiência anterior no mercado de trabalho convencional trouxe uma série de insatisfações com as formas de organização do tempo e do trabalho no antigo emprego. Nesse sentido, preferiu ocupar o seu tempo estimulando a criatividade por meio de outros meios de ocupação. A inserção em uma companhia teatral fez com que, de modo itinerante, tomasse contato com atividades culturais contra hegemônicas. Essa experiência expandiu os horizontes da responsável pela Flores.seremos, fazendo-a ter a certeza de que não tinha interesse por empregos convencionais, com regramento e horas estipuladas em contrato. Após uma viagem para Alto Paraíso/GO, aproximou-se do universo da cosmetologia natural. A fazenda em que se hospedara tinha como regra a proibição de qualquer material de cuidado pessoal que remetesse aos parâmetros da indústria farmacêutica convencional. A partir disso, a memória afetiva desse período, junto do interesse nesse segmento, fez com que surgisse o empreendimento Flores.seremos. Primeiro, voltado ao uso pessoal, depois, aos amigos e, agora, ao público em geral.

Figura 5. Visão do empreendimento Flores.seremos na 15ª edição da “Rolêfeira”



Fonte: Maiara Di Franco (2019).

As próximas três perguntas estão relacionadas ao eixo norteador do presente, que busca compreender a atualidade dos empreendimentos em função da pandemia do Covid- 19 e seus desdobramentos no município de Araraquara/SP. A primeira delas explora as principais mudanças ocorridas para dar continuidade a suas atividades da economia criativa e popular. A seguir, as considerações trazidas por cada uma das responsáveis.

A idealizadora do Amor Retrô destacou que o início da pandemia foi bastante intenso, pois estava vivenciando o processo de abertura de sua loja física há menos de uma semana. Por outro lado, salientou que esse momento inauguração de um local próprio para o empreendimento trouxe uma potencialidade na organização das operações de sua atividade econômica. Ter a loja física melhorou os controles de estoque, armazenagem e contato com o cliente, ao mesmo tempo em que aprofundou a identidade estética do empreendimento. A responsável reconhece que a melhora nas estratégias de engajamento de suas redes sociais no Instagram e Facebook foi um dos pilares desse processo de transformação. No entanto, é necessária a ressalva de que as feiras criativas ainda eram capazes de movimentar mais trocas econômicas em relação à loja física. A percepção das mudanças iniciais para dar andamento à atividade na pandemia demonstra, portanto, que o fortalecimento das mídias sociais e o espaço físico da loja foram centrais para desenvolver maiores relações com o público alvo do empreendimento.

A Flores.seremos passou por um momento bastante conturbado no início da pandemia pelo fato das vendas sofrerem uma queda bastante expressiva. A dependência da renda gerada nas edições das feiras criativas ficou marcada a partir do momento em que houve a suspensão desses eventos. Nesse sentido, a idealizadora ressalta que aquela antiga interação social valorizada em seu empreendimento foi perdida, pois a sociabilidade no espaço público foi impedida. A partir disso, destacou que as trocas econômicas se tornaram mecânicas, sem a afetividade anteriormente encontrada. Outra questão que torna a pandemia ainda mais sensível está relacionada ao fato de a organização do negócio ocorrer em sua própria residência. Essa feição da economia criativa e popular é encontrada na maioria dessas práticas econômicas do município (RAMOS, 2020; 2021), o que demandou novas formas de organização.

Sobre as estratégias utilizadas para superar essa queda nos rendimentos, a responsável destacou a implementação de um novo sistema de entregas das mercadorias. As vendas realizadas pelo empreendimento agora teriam a possibilidade de adquirir junto a entrega de bicicleta por valores simbólicos adicionais. O sistema foi pensado como forma de efetivar dois principais objetivos, sendo eles: 1) A realização de novas entregas sem que o espaço da própria residência fosse acessado, evitando possíveis contaminações e; 2) Uma estratégia de praticar um tipo de exercício físico, trabalhando a saúde corporal e mental da responsável. Aproveitando o crescimento dessa economia das redes na internet, o empreendimento Flores.seremos também contou com o lançamento de um site com os seus produtos. A idealizadora reconheceu essa nova potencialidade da pandemia, e passou a atuar, com a ajuda de profissionais do marketing e fotografia, nessas plataformas digitais para ganhar visibilidade.

A segunda pergunta relacionada ao eixo norteador do presente procurou abarcar o entendimento sobre os impactos diretos que foram sentidos pela suspensão das feiras de economia criativa e popular no município de Araraquara/SP. Em específico, o objetivo foi compreender o que as responsáveis consideraram como decorrência central para os empreendimentos nesse contexto sem edições da “Rolêfeira”.

A responsável pelo Amor Retrô reconheceu que a suspensão das feiras criativas no espaço público do município trouxe uma série de implicações. Destacou não somente os impactos de natureza financeira, mas também colocou toda a complexidade para além da esfera econômica. Um ponto trazido pela idealizadora foi a diminuição da visibilidade do empreendimento sem esses eventos. Em sua leitura, o principal gatilho de divulgação da atividade estava relacionado às edições desses eventos das feiras, pois o amplo contato com o público na interação presencial proporcionava isso. A perda no alcance de potenciais novos clientes foi estimada em cerca de 50% por parte da responsável. Essa constatação demonstra como as feiras criativas possuíam um papel central em toda a sociabilidade relacionada a esse segmento da economia popular. Em síntese, é preciso pontuar como acontecia todo um giro de capital, trocas simbólicas e econômicas, parcerias, interações sociais e afins nesses locais organizados para a economia criativa e popular.

O processo vivenciado pela idealizadora da Flores.seremos apresenta certa semelhança em relação ao destacado no Amor Retrô. O impacto observado na dimensão ampla das trocas do empreendimento foi colocado como bastante expressivo pela responsável. No entanto, é importante destacar que essas trocas também se estendem para o plano do simbólico, pois são estabelecidas em função da própria percepção dos consumidores sobre o produto. O contato direto com o público alvo funcionava como um termômetro para as práticas da economia criativa e popular, na medida em que a relação aproximada permitia compreender a experiência da pessoa com as mercadorias oferecidas. Outra questão levantada pela responsável diz respeito ao espaço da feira enquanto um ambiente de fomento à própria criatividade. A presença de diversos empreendimentos no mesmo local facilitava o estímulo a novos parâmetros estéticos, tomando como inspiração e referência elementos trazidos por outros sujeitos nos *stands* de exposição. Desse modo, a suspensão desses eventos trouxe implicações nas diversas esferas da interação socioespacial para a responsável da Flores.seremos.

A última pergunta que compõe o eixo norteador do presente teve como objetivo fomentar uma síntese geral sobre o período da pandemia para o empreendimento. Nesse sentido, o roteiro semiestruturado teve como iniciativa a busca por uma verbalização das responsáveis que representasse o balanço geral da crise sanitária para esse segmento da economia criativa e popular.

A responsável pelo Amor Retrô considerou que o período da pandemia, em linhas gerais, representou uma constante flutuação do negócio. Altos e baixos foram a grande feição encontrada para esse contexto da crise sanitária e da suspensão das feiras criativas no espaço público. Nesse sentido, trouxe ênfase ao fato de ter sido necessário trabalhar mais para que o seu empreendimento mantivesse níveis estáveis, com baixas oscilações nas vendas. Por outro lado, apesar da responsável pela Flores.seremos também destacar essa flutuação no empreendimento, reconheceu que houve uma constante queda nas vendas de suas mercadorias. A idealizadora avança, ainda, sobre as questões relacionadas às dificuldades que os sujeitos enfrentam quando resolvem empreender em pequena escala. Deficiências nas políticas públicas, entraves burocráticos, entre tantos outros elementos que funcionam como barreiras para o crescimento dentro desse segmento.

Por fim, a questão relacionada ao eixo norteador do futuro foi pensada como uma forma de levantar considerações a respeito dos horizontes que se abrem no pós-pandemia para os empreendimentos. As potencialidades colocadas com o processo de resolução da crise sanitária, sobretudo em função do avanço nos índices de vacinação no município. A partir disso, reconhecer toda a janela de oportunidades no interior de suas práticas da economia criativa e popular.

A idealizadora do Amor Retrô vê com certo otimismo todo o processo de avanço da vacinação contra o Covid-19. Sua visão está alinhada com a ideia da retomada dos espaços compartilhados, avanço nas interações socioespaciais e busca por amplos canais de sociabilidade. Nesse sentido, acredita que as pessoas estarão com um forte anseio em vivenciar tudo aquilo que a crise sanitária, nos seus piores momentos, impediu de acontecer. Pretende aproveitar esse contexto de potencialidades, ao mesmo tempo em que vai buscar fidelizar ainda mais os seus clientes por meio dos valores preconizados pelo *slowfashion*, pelo consumo consciente e ressignificado. No geral, ressalta a projeção de crescimento do seu empreendimento para o segundo semestre de 2021.

A responsável pela Flores.seremos reconhece que a crise sanitária mostrou uma série de questões relacionadas à vulnerabilidade dos pequenos empreendimentos da economia criativa e popular no município. Problemáticas sociais que se colocam enquanto limitantes estruturais para o avanço e ampliação dos níveis de vida para aqueles que resolvem seguir nesse caminho do trabalho por conta própria. Trouxe à tona a situação encontrada na dimensão do trabalho, a qual os sujeitos precisam desempenhar inúmeras funções para produzirem a provisão de suas vidas. Nesse sentido, faz referência a toda precariedade que é possível observar no mundo do trabalho contemporâneo, disfarçada de empreendedorismo e dinamicidade. A entrevista foi capaz de captar a consciência da idealizadora sobre esses assuntos tão centrais no universo da produção de uma economia de base popular. Então, sua perspectiva futura está orientada para a construção de iniciativas que permitam a geração ampla de renda e provisão, sobretudo iniciativas que estejam no campo do cooperativismo, associativismo e coletivismo. O empreendimento Flores.seremos ainda é o seu objetivo principal para o futuro. No entanto, ressalta que talvez procure engajar uma organização mais sinérgica com outros sujeitos.

Considerações gerais sobre o setor da economia criativa e popular

O mundo do trabalho brasileiro pode ser caracterizado pela existência de diversas racionalidades econômicas. Seu processo de formação reconhece uma heterogeneidade de práticas econômicas que são organizadas em função das múltiplas necessidades concretas dos agentes sociais. A aceitação desse pressuposto permite demonstrar a riqueza, bem como a complexidade, das bases de organização das atividades econômicas no país. O avanço na precarização é um dos fenômenos mais evidentes no mercado de trabalho, vinculados ao processo de reestruturação produtiva e acumulação flexível (COSTA, 2016). A vulnerabilidade desses agentes econômicos está relacionada, dentre uma série de fatores, à insegurança e instabilidade de seus rendimentos, na medida em que dependem de atividades que oscilam muito frequentemente.

No entanto, a precarização é capaz de se manifestar das formas mais diversas, sem necessariamente significar uma feição em comum. Essa problemática pode ser representada pelas extensas jornadas de trabalho com baixa remuneração, poucas garantias sociais que decorrem de contratos flexibilizados pela terceirização, desempenho de múltiplas funções e afins. Isso significa que a precarização se materializa tanto no interior de práticas econômicas organizadas por relações formais de contrato quanto no conjunto de atividades que surgem como alternativas ao desemprego convencional. Desse modo, as dificuldades no mundo do trabalho atual também impulsionam novas estratégias de composição da renda nos grupos assalariados não hegemônicos. O exemplo da economia criativa e popular reflete esse contexto de sujeitos que organizam pequenas atividades como fonte de complementação da renda (RAMOS, 2020 e 2021), fato expresso em outros autores que pesquisaram o problema do trabalho no espaço urbano contemporâneo (CATAIA e SILVA, 2013).

A economia popular está vinculada à escala socioespacial na qual o sujeito é o grande referencial. O indivíduo pertencente à classe trabalhadora e que utiliza do seu conjunto pessoal de recursos, tanto materiais quanto imateriais, para transformar um determinado conhecimento prático em possibilidade de geração de renda. Destacam-se os sujeitos que organizam suas atividades econômicas em função das demandas concretas da vida social. Porém, a atual pandemia fortalece uma série de impasses sociais e econômicos que tornam ainda mais

complexas as possibilidades de organização dos sujeitos. O recorte empírico do município de Araraquara/SP apresentou a intensificação das dificuldades vivenciadas pelos agentes responsáveis pela economia criativa e popular. A sobreposição de novas vulnerabilidades sobre as antigas demonstrou como a economia popular ainda está permeada de fatores estruturais que são limitantes.

Ainda que seja complexo mensurar quantitativamente esse fenômeno da economia popular, é fundamental destacar a necessidade de novas formas de observação para essa realidade econômica. Cataia e Silva (2013) ressaltaram as dificuldades analíticas que surgem do fato do circuito inferior ser, muitas das vezes, invisível às estatísticas oficiais. Por essa razão, a pesquisa foi construída com uma série de instrumentos metodológicos capazes de, em caráter exploratório, apontar para algumas tendências existentes nesse segmento da economia criativa e popular no contexto da crise sanitária provocada pelo Covid-19. A utilização das entrevistas com as responsáveis pelos empreendimentos Amor Retrô e Flores.seremos permitiu captar um discurso voltado ao próprio exercício de compreensão de suas atividades. Verbalizar sobre cada um dos eixos norteadores trouxe ênfase para elementos que muito dificilmente seriam captados por outras técnicas investigativas e padronizadas.

Essas práticas econômicas pertencentes aos setores populares da sociedade reforçaram no período da pandemia a sua racionalidade voltada ao período curto de tempo. São as necessidades cotidianas que movimentam toda a construção dessas iniciativas de geração de trabalho e renda no espaço urbano. A partir disso, o planejamento das economias locais mostrou-se ainda mais necessário para o contexto da crise sanitária. A transformação de uma lógica hegemônica de atuação pública pode representar a substituição de um paradigma seletivo e excludente socioeconomicamente na dimensão das políticas públicas setoriais (RAMOS, 2021). Em síntese, a realidade trazida pelo Covid-19 alertou para todas as deficiências estruturais que existem nas diversas esferas do acontecimento social, sendo esse artigo um recorte dessas implicações no universo economia criativa e popular.

Conclusões

As cidades apresentam a característica de serem o produto e a condição de reprodução da sociedade, da vida, bem como das próprias relações sociais entre os indivíduos (SOBARZO, 2006). É no espaço que encontramos as variáveis simbólicas e concretas do acontecimento social que, por meio da constante modificação, são capazes de orientar o cotidiano dos diversos grupos sociais. Nesse sentido, o pressuposto colocado nessa reflexão esteve relacionado às mudanças em vigência no espaço urbano de Araraquara/SP, acentuadas em função da pandemia do novo coronavírus (Covid-19). Analisar e interpretar as transformações no interior das práticas econômicas vinculadas à economia criativa e popular do município permitiram compreender os impactos vivenciados por esses sujeitos que dependem, sobretudo, da presença no espaço público para a geração de renda.

A concentração de distintas formas de organização socioespacial presentes nas cidades contemporâneas abre espaço para interpretações que reconhecem os vários modos de produção e reprodução da vida dos grupos sociais. O embate teórico da economia popular enfatizou as diversas possibilidades de uso e apropriação do espaço urbano segundo as intencionalidades e racionalidades que procuram realizar a provisão material desses sujeitos. Nesse sentido, a manifestação socioespacial da economia criativa e popular no município de Araraquara/SP faz parte do conjunto de respostas concretas dos indivíduos às dificuldades contemporâneas vivenciadas no mundo do trabalho.

O potencial da economia popular na contemporaneidade diz respeito às suas possibilidades de abranger diversas formas de produção que surgem como alternativas ao emprego formal assalariado (COSTA, 2016). Suas atividades são capazes de incorporar os sujeitos que não conseguem integração no mercado de trabalho convencional. No entanto, é importante ressaltar que essa incapacidade de integração pode ser resultado tanto da ausência do perfil técnico, que demanda um longo período de estudo e qualificação profissional, quanto pela falta de interesse pela carteira assinada em função do avanço de processos como a precarização do trabalho.

A utilização de uma abordagem geográfica para esse fenômeno cumpriu o esforço de renovação do arcabouço teórico-conceitual dessa ciência, revisitando os significados clássicos

do circuito inferior ao tencioná-lo em função do contexto atual. Essa perspectiva converge com a disposição feita por Silveira (2015) no momento em que demonstra que a Geografia precisa reconhecer o dinamismo social, levando em conta a apreensão de novos processos que permitem “alcançar a crítica do real e vislumbrar novos rumos” (SILVEIRA, 2015, p. 258).

As atividades da economia criativa e popular em Araraquara/SP foram caracterizadas como forma de renovação do circuito inferior da economia urbana (RAMOS, 2020). Essas práticas econômicas apresentam uma série de vulnerabilidades que estão vinculadas à baixa escala econômica de suas atividades, bem como à própria necessidade de canais ativos para a realização de suas vendas. As feiras organizadas pelo coletivo “Rolê” são espaços fundamentais de visibilidade para os empreendimentos em função do seu papel central para esse segmento da economia. Dessa forma, a suspensão de seu cronograma ao longo de 2020 e 2021 trouxe impactos nas diversas esferas das práticas econômicas vinculadas a esses espaços de troca.

As principais decorrências desse novo contexto vivenciado na economia criativa e popular de Araraquara/SP foram não somente os impactos financeiros, mas também os impactos simbólicos e imateriais. A suspensão das feiras criativas teve um desdobramento expressivo no andamento dos negócios dessas atividades pelo fato das edições representarem canais fundamentais de troca para os grupos vinculados a esse setor (RAMOS, 2020). As agentes entrevistadas pontuaram que as edições favoreciam a maior estabilidade financeira do negócio, já que alcançavam vendas mais expressivas em relação às demais estratégias de efetivação das mercadorias. No entanto, também reforçaram que as trocas simbólicas sofreram uma ruptura importante devido à sociabilidade que era encontrada nesses eventos. As responsáveis reconheceram que o retorno dos clientes acontecia de forma bem mais simplificada, mantendo uma relação direta com eles. Outro aspecto diz respeito ao encontro e parcerias com os demais expositores das feiras, na medida em que muita articulação conjunta era construída no decorrer das edições das feiras criativas.

Em síntese, o estudo evidenciou as contribuições que as entrevistas trouxeram para interpretar as transformações vivenciadas pelos agentes econômicos da economia criativa e popular em Araraquara/SP. A percepção alcançada demonstrou as novas formas de organização dos sujeitos em função da pandemia do Covid-19. As atividades desse segmento não

hegemônico da economia no município se apoiam no contato direto com o consumidor final em locais como as edições da “Rolêfeira”. Em vista disso, as entrevistas permitiram compreender o novo contexto dessas atividades na crise sanitária, pois deu voz às agentes que pontuaram as implicações e impactos da suspensão das feiras criativas no andamento de seus negócios.

Agradecimentos

O artigo apresentado é produto das discussões e debates desenvolvidos no âmbito do Grupo de Trabalho “Geografia, Economia e Trabalho”, ocorrido na XXI Semana de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. O documento reflete o conjunto de agentes e instituições que foram essenciais para o fortalecimento das análises e interpretações apontadas por esse trabalho. Ficam aqui todos os agradecimentos necessários à Comissão Organizadora do evento. Em seguida, é fundamental agradecer o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), mediante o processo nº 2019/24895-3. A dedicação exclusiva à pesquisa só foi possível de acontecer em função da segurança oferecida pela bolsa. É necessário também reconhecer o apoio acadêmico oferecido pelos membros do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Desenvolvimento Urbano e Ambiental (NEPDUA/CNPQ). A troca de experiências e de perspectivas acadêmicas distintas foi uma esfera formativa extremamente importante para o conjunto de considerações propostas no artigo. Por fim, agradeço à existência da Universidade Pública, que tem cumprido sempre o seu papel pioneiro no desenvolvimento tecnológico e científico do país.

Referências

CATAIA, M.; SILVA, S. C. da. Considerações sobre a teoria dos dois circuitos da economia urbana na atualidade. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 3, n. 1, p. 55-75, 2013.

COSTA, S. C. D. da. **Do precário ao plural**: realidades e possibilidades da economia popular no Brasil contemporâneo. 2016. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte.

HESPANHA, P. Da expansão dos mercados à metamorfose das economias populares. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 84, p. 49-63, mar. 2009.

MONTENEGRO, M. R. A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos: de seu surgimento à sua atualização. **Revista Geográfica Venezuelana**, v. 53, n. 1, p. 147-164, enero-junio, 2012.

RAMOS, R. A. **A manifestação socioespacial da economia popular em Araraquara/SP: uma abordagem geográfica para o caso da Economia Criativa**. 2021. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara.

RAMOS, R. A. A atualidade da teoria dos circuitos na compreensão das práticas econômicas populares: o caso da Economia Criativa em Araraquara/SP. **Revista do Departamento de Geografia (USP)**, [S. l.], v. 40, p. 1-12, 2020.

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2018.

SILVEIRA, M. L. Modernização contemporânea e nova constituição dos circuitos da economia urbana. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 19, n. 2, p. 245-261, 3 nov. 2015.

SOBARZO, O. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 10, n. 2, p. 93-111, 30 dez. 2006.